



Uma questão de logística

A economista e consultora Martha Ferreira, que atua no Espírito Santo, descreve os impactos da crise mundial sobre setor de Rochas Ornamentais, a partir de uma análise panorâmica da sua cadeia produtiva.

O valor total das exportações brasileiras de rochas ornamentais somou US\$ 954,5 milhões, em 2008, sendo US\$ 138,5 milhões a menos que em 2007. O produto beneficiado (chapas, ladrilhos, bancadas, pias, etc.) representou US\$ 774,6 milhões ou 81,2% do total exportado, com variação negativa de 13,6%, em relação ao ano anterior. O setor emprega 133 mil pessoas (7 mil a menos que em 2007), demonstrando a sua importância sócio-econômica.

Os Estados Unidos continuam sendo nosso principal importador de mármore, granito, ardósia, quartzito, entre outras rochas, respondendo por 53% do faturamento e 29,7% do volume físico dessas exportações. Em 2008, eles importaram, do Brasil, US\$ 506,2 milhões contra US\$ 636,1, em 2007. A China importou US\$ 77,1 milhões (contra US\$ 70,8 em 2007) e a Itália, US\$ 71,9 (US\$ 84,9 em 2007).

Não houve mudança no consumo do mercado interno, que repetiu sua performance de 2007, ou seja, 60 milhões de m².

O Espírito Santo continua liderando as exportações brasileiras desse setor, respondendo por 66% do faturamento, 56,5% do volume físico e 85,6% de chapas polidas. Em 2008, suas exportações atingiram US\$ 630,3 milhões, com um recuo de 13,2%, em relação ao ano passado. É seguido, à distância, pelos estados de Minas Gerais (US\$ 204,9), Rio de Janeiro (US\$ 22,0), Santa Catarina (US\$ 17,1), São Paulo (US\$ 16,4) e Bahia (US\$ 16,1).

Os gargalos da logística e infraestrutura

O setor de rochas ornamentais enfrenta sérios gargalos de logística e infraestrutura, que inibem a sua competitividade: crise dos Estados Unidos, que o obriga a buscar mercados alternativos; escassez de linhas de crédito para financiar a produção; carência geral de mão-de-obra especializada; eterna dependência de tecnologia externa; carga tributária altíssima; carência de políticas públicas específicas; falta de integração entre as diversas representações; mercados cativos; e impactos sobre o meio ambiente.

Além disso, os portos estão limitados pela falta de retroárea; acessos; calado; bacia de evolução; política de mão-de-obra; e precária administração, definida por quadros sem formação específica e aparelhada ideologicamente. O investimento privado em terminais portuários incrementaria o comércio exterior; reduziria os trâmites burocráticos; e permitiria a entrada de navios cada vez maiores, evitando a fuga de armadores e a evasão de cargas.

Nas rodovias, além do péssimo estado em que se encontram, não foram executados eixos viários racionais, dificultando a integração entre elas com ferrovias, portos, aeroportos e áreas de armazenagem; regiões produtoras e, entre essas, com os mercados interno e externo.

É preciso investir na integração do transporte rodo-ferroviário para o transporte de blocos. Isso reduziria os gastos provocados pelo desgaste de estradas e veículos, evitando milhares de acidentes, muitos deles com vítimas fatais. Esses fatores, juntos, oneram o contribuinte em mais de R\$ 50 bilhões anuais.

Setor sofre com a indiferença governamental

Os governos federal, estaduais e municipais continuam com a sua farra de gastos inúteis, como se tudo estivesse às mil maravilhas. Não temos notícia de nenhum plano que dê fôlego ao setor de rochas ornamentais e à sua cadeia de suprimentos.

O setor de rochas ornamentais precisa pressionar suas lideranças por atitudes mais objetivas em seu favor e buscar soluções próprias para suportar os tempos de demanda em baixa, tais como: investimentos em renovação do parque industrial, novas tecnologias, abertura de mercados alternativos, qualificação de mão-de-obra, agregação de valor aos produtos, preparando-se para sair na frente, assim que a tempestade passar.

Entrevista concedida em 12 de março de 2009.

Obs.: As opiniões inseridas na coluna são de responsabilidade do entrevistado.

É função do economista elaborar trabalhos econômico-financeiros visando obter recursos de médio e longo prazos junto a entidades financeiras nacionais e internacionais.

